

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	07	04	FC	19
	UF	BEM	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADE	Santo Antônio de Pádua
MUNICÍPIO / UF	Santo Antônio de Pádua/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Gravação de entrevistas em duas fitas de áudio e uma fita de vídeo. Registro fotográfico. Entrevistas com Professor Hélio Machado e diversos jongueiros na casa do Nico (relacionados no campo 3).	
QUESTIONÁRIOS	-	

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO

Foram feitas duas entrevistas com pessoas ligadas ao caxambu de Santo Antônio de Pádua. Na casa do Professor Hélio Machado, conversamos principalmente sobre o histórico do Encontro de Jongueiros, evento que tem se tornado importante ao longo de suas edições anuais, tanto para divulgação do jongo / caxambu, como para intercâmbio entre as chamadas 'comunidades jongueiras'.

Na casa de Antônio Thomaz, mais conhecido como Nico, estavam presentes: ele; sua esposa, Lúcia Maria Thomaz; dois dos três filhos Antônio José Constante Thomaz (Tonho), e Tarcísio Constante Thomaz; Claudionor Paulino de Jesus, o Nonô; Rose, uma vizinha e Emílio de Oliveira da Silva.

Nico, de família tradicionalmente responsável pelo mineiro-pau e pelo boi-pintadinho, recebeu de dona Sebastiana II a incumbência de cuidar do caxambu e hoje é responsável pela realização da roda e guardião dos tambores ancestrais.

“Então para que isso não acabe e continue o serviço dele, que às vezes ainda tem parente, e esse parente ainda que vivo, não mexe com essa cultura. Então a cultura fica mais de lado. A convivência que eu panhei com essa família [Sebastiana II] fez com que eu me orgulhasse de ser de Pádua, e ter cultura em Pádua, e a gente promovê-la para que isso não acabe. Então, fazendo o mineiro-pau, que é coisa da minha família, me integrei a essa família que parou com o caxambu, que era do caxambu, que deixou o caxambu de lado. (...) E hoje eu carrego as peças (instrumentos) que foram montadas por essas famílias (...) e vivo levando isso como tradição.”

Nonô também aprendeu o jongo desde cedo, com D. Sebastiana II, “desde a idade de 12 anos”.

Sebastiana II, neta de escrava africana e grande jongueira de Pádua, dançou o jongo até os 95 anos, divulgando-o e ensinando-o aos mais novos. A proibição quanto à participação de crianças em algumas localidades, cede atualmente lugar, em Pádua, à preocupação com a preservação da dança e das tradições a ela ligadas. Segundo Nico Thomaz,

“A gente coloca a criança para que não deixe acabar, pra que prossiga, para dar continuidade, porque senão vai acabando, acabando... E outra: a gente só encontra trabalhos prestados sobre o folclore, a maior parte, dentro das faculdades. Ultimamente os animadores culturais nas escolas não trabalham... atividade deles é só criança cortar papel, essas coisas, mas a atividade que tem nos bairros, isso aí é uma coisa que tem serventia até pra criança evitar de estar envolvida em outras coisas que não têm nada a ver. Eu ponho dentro do folclore também as crianças em cima disso aí: tira as crianças da rua, preserva as coisas que tem da nossa cidade, para que não acabe...”

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	07	04	FC	19
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

A lenda de se colocar alguém para dormir por meio de um ponto de jongo e a do crescimento da bananeira, populares entre os praticantes do jongo e do caxambu de diversas localidades, conta que à meia-noite os antigos jongueiros plantavam uma bananeira que crescia e dava frutos para os participantes comerem. Assim como os pontos, que dizem mais do que o significado literal das palavras, precisando ser decifrados/desamarrados, 'a lenda' também sugeriria uma outra situação, e não o crescimento da bananeira com frutos verdadeiros. Explica Nico:

“Como diz a lenda, no caxambu você planta a bananeira, dá cacho e você pega daquela banana e dá pra quem quiser comer. Quem vai comer daquela banana são aqueles debochados que estão pela lateral. Porque você fala um verso, você não sabe se ele cai ou se ele fica perdido. É o tempo que a bananeira tá nascendo, crescendo, frutificando. Até você tirar outro (...) dá tempo da bananeira crescer, produzir o cacho, só dá banana em quantidade.

“O de dormir é o tempo que você leva para solucionar o enigma. Então isso aí é a bananeira que tá dando cacho...”

“Você fala um verso e a pessoa não consegue decifrar o que é, então é como se fosse uma bananeira. Você planta a bananeira, ela cresce e produz, dá cacho, você pega a banana dali, distribui para aquelas pessoas que estão debochando, entendeu? Esperando até a pessoa conseguir fazer um outro verso para derrubar aquele verso. Aí a bananeira já produziu e já deu cacho. Você já perdeu naquela. Você já dormiu. É o ponto que você dormiu, entendeu?”

A partir daí, pode-se entender o caxambu de Santo Antônio de Pádua como uma grande brincadeira de dança, e sobretudo a comunicação (cifrada) e o improviso poético-musical em forma de pontos têm papel muito importante. Muitas vezes associa-se a categoria 'jongueiro' àquele que canta e improvisa versos no caxambu. Nas palavras de Nonô, referindo-se a João Aleluia:

“Cantor bom de caxambu que tem aqui. (...) Muito bom, muito bom jongueiro! É forte, é difícil pra derrubar ele na área. É o melhor dos jongueiros que temos aqui. (...) É jongueiro, falador de verso, produz na hora e sabe mesmo.”

Sobre as diferenças entre as categorias jongo e caxambu, explica Nico:

“Ele passa a ser jongo depois que se junta tudo. Porque o caxambu é o começo, é juntando todo mundo. Aí o jongo, quando começa o desafio de um para outro e as outras pessoas formam o coral, aí já se diz jongo. Aí é o jongo de um jogando jongo para o outro. O caxambu é completo, com as peças todas.”

E Nonô:

“A diferença entre jongo e caxambu é a queda que a gente tira pra poder cantar, né? É a música que tira pra poder cantar, pra poder debater, comandar um com o outro.”

É importante registrar que, diante de tão antiga tradição de jogo e desafio, é comum a existência de disputas entre grupos, fato que pudemos observar entre os grupos de Santo Antônio de Pádua e Miracema.

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Lúcio Enrico Vieira Áttia, Rita Gama Silva		
REVISADO POR	Letícia Dias		
PREENCHIDO POR	Rita Gama Silva	DATA 26/04/2004	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Letícia Vianna		